

Biblioteca Digital da Câmara dos Deputados
Centro de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca
<http://bd.camara.gov.br>

"Dissemina os documentos digitais de interesse da atividade legislativa e da sociedade."



Câmara dos
Deputados

Sepé Tiaraju

⌘ OBRAS COMEMORATIVAS | PERSONALIDADES | 01

herói guarani, missioneiro, rio-grandense e,
agora, herói brasileiro

Sepé Tiaraju



herói guarani, missioneiro, rio-grandense e
agora, herói brasileiro

CÂMARA DOS DEPUTADOS

DIRETORIA LEGISLATIVA

Diretor: Afrísio Vieira Lima Filho

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Diretor: Adolfo C. A. R. Furtado

COORDENAÇÃO EDIÇÕES CÂMARA

Diretora: Maria Clara Bicudo Cesar

2010, 1ª reimpressão.

1ª VICE-PRESIDÊNCIA

PESQUISA E ORGANIZAÇÃO: Nazur Garcia

COORDENAÇÃO EDIÇÕES CÂMARA

PROJETO GRÁFICO, CAPA E DIAGRAMAÇÃO: Renata Homem

ILUSTRAÇÕES E GRAFISMOS: Renata Homem

PESQUISA DE IMAGENS: Renata Homem e Luciana Motta

REVISÃO: Seção de Revisão e Indexação

Câmara dos Deputados

Centro de Documentação e Informação – Cedi

Coordenação Edições Câmara – Cedi

Anexo II – Praça dos Três Poderes

Brasília (DF) – CEP 70160-900

Telefone: (61) 3216-5809; fax: (61) 3216-5810

edicoes.cedi@camara.gov.br

SÉRIE

Obras comemorativas. Personalidades

n. 1

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
Coordenação de Biblioteca. Seção de Catalogação.

Sepé Tiaraju : herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010.

51 p. – (Série obras comemorativas. Personalidades ; n. 1)

ISBN 978-85-736-5692-3

1. Sepé Tiaraju, m. 1756, biografia. 2. Herói, Rio Grande do Sul. 3. Índio guarani, biografia, Rio Grande do Sul. 4. Reduções jesuíticas (1754-1756). 5. Jesuítas, missões, história, América do Sul. I. Série.

CDU 929

ISBN 978-85-736-5692-3 (brochura)

ISBN 978-85-736-5693-0 (e-book)



Câmara dos
Deputados

Sepé Tiaraju:
herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro



Centro de Documentação e Informação
Edições Câmara
Brasília | 2010



Lista de Imagens

Figura 1 – TEIXEIRA, Luis. *Capitanias Hereditárias*. 1574. Desenho Técnico. Disponível em: <<http://picasaweb.google.com/editoria.francisco/1500#5148512140056016514>>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 2 – Plano de São Miguel Arcanjo. 1756. Desenho Técnico. Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/missoes.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 3 – DEBRET, Jean-Baptiste. *Família Guarani Capturada por Caçadores de Índios Escravistas*. 1830. Pintura. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Slaved.guarani.debret.jpg>>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 4 – SILVA, Valdo da. *Releitura guarani da Imagem de Debret*. 19--. Ilustração. In *Artigo: “Uma visão indígena da história”*, Paulo Humberto Porto Borges. *Cadernos Cedex*, ano XIX, nº 49, Dezembro/99. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621999000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 5 – DEMERSAY. *Ruínas de São Miguel Arcanjo*. 1846. Desenho Técnico. Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/missoes.pdf>>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 6 – PAUCKE, Florian. *Passagem de um Rio por Jesuítas e Índios*. 17--. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cavalaria_Guarani.jpg>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 7 – PAUCKE, Florian. *Índios Mocoví Recolhendo Frutos das Árvores*. 1830. Museu

Nacional de Bellas Artes, Buenos Aires. Disponível em: <http://gobierno.santafe.gov.ar/archivo_general/florian_paucke/buscar.php?page=4&palabras=paucke&clasificacion=0&fecha1=0&fecha2=0&institucion=0>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 8 – Nossa Senhora da Conceição. 17--. Escultura. Importante exemplar de Arte Missioneira pertencente ao acervo do Museu Júlio de Castilhos, Porto Alegre, Brasil. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:MuseuJulio22.jpg>>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 9 – RUGENDAS, Johann Moritz. *Aldeia dos Tapuias*. 1820. Gravura. Disponível em: <<http://www.google.com.br/search?hl=pt-BR&q=%22aldeia+dos+tapuias%22&start=10&sa=N>>. Acesso em: 5 fev. 2010.

Figura 10 – PAUCKE, Florian. *Cavalaria Guarani*. 17--. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Cavalaria_Guarani.jpg>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 11 – Plano de Calendária. 17--. Planta típica de uma missão jesuítica. Disponível em: <<http://www.memorial.rs.gov.br/cadernos/missoes.pdf>>. Acesso em: 5 fev. 2010.

Figura 12 – DEBRET, Jean-Baptiste. *Índios Atravessando um Riacho (O Caçador de Escravos)*. 1825. Pintura. Disponível em: <http://www.masp.art.br/masp2010/acervo_detalleobra.php?id=217>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Obs.: *Especialistas dizem que o Masp errou sobre autoria de quadro: “O quadro Índios atravessando um riacho (O caçador de escravos)”, que faz parte do acervo do Museu de Arte de*

São Paulo (Masp) (...), não é de autoria do pintor francês Jean-Baptiste Debret, e sim do italiano Augustin Brunias, segundo uma comissão formada por seis especialistas, entre eles o historiador Pedro Corrêa do Lago.” (G1, jan. 2008) Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/PopArte/0,,MUL250827-7084,00-MASP+ERROU+SOBRE+AUTORIA+DE+QUADRO+DIZEM+ESPECIALISTAS.html>>. Acesso em: 4 fev. 2010.

Figura 13 – DONADEL, Olindo. *Monumento ao Índio Sepé Tiaraju*. 1967. Escultura. Disponível em: <<http://www.turismo.rs.gov.br/portal/index.php?q=atrativo&id=195&bd=&fg=2>>. Acesso em: 5 fev. 2010.

Figura 14 – OLIVEIRA, José Roberto de. *Mapa das Missões (última fase, com estâncias)*. In *Pedido de perdão ao triunfo da humanidade: a importância dos 160 anos das missões Jesuítico-Guarani*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009. 234 p.

Figura 15 – Imagem do poeta Basílio da Gama, séc. XIX. In : FREIRE, Laudelino, org. e GARNIER, M. J. des. *Sonetos brasileiros: desenho dos sonetos*. Rio de Janeiro: Ed. F. Briguiet, 1913. Disponível em: http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/a/ae/Bas%C3%ADlio_da_Gama.jpg Acesso em: 23 fev. 2010.

Figura 16 – Folha de rosto do livro “O Uruguay” (poema), 1769. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/O_Uraguai>. Acesso em: 26 mar. 2010.



Sumário

<i>Apresentação</i>	<i>09</i>
<i>A Saga das Missões</i>	<i>11</i>
1. <i>A invasão portuguesa e espanhola das Américas</i>	<i>13</i>
2. <i>As missões do Paraguay.....</i>	<i>15</i>
3. <i>A ganância dos bandeirantes contra a comunidade dos guaranis... ..</i>	<i>17</i>
4. <i>A fraternidade nas comunidades guaranis</i>	<i>19</i>
5. <i>“Não havia necessitados entre eles”</i>	<i>21</i>
6. <i>A liberdade das reduções tinha inimigos.....</i>	<i>23</i>
7. <i>O Evangelho vivido nas reduções do Paraguay</i>	<i>25</i>
8. <i>Uma república livre, mas perseguida</i>	<i>27</i>
9. <i>A ganância destrói a obra do Evangelho</i>	<i>29</i>
10. <i>Sepé nasce no povo organizado</i>	<i>31</i>
11. <i>Sepé Tiaraju revive no povo organizado</i>	<i>33</i>
<i>Uma cronologia da história missioneira</i>	<i>35</i>
<i>Mapa das Missões (última fase, com estâncias)</i>	<i>39</i>
<i>Notas sobre “O Uruguai”, de Basílio da Gama.....</i>	<i>43</i>
<i>Referências</i>	<i>47</i>
<i>Anexo I</i>	<i>49</i>
<i>Anexo II</i>	<i>51</i>



Apresentação

Sepé Tiaraju: herói guarani, missioneiro, rio-grandense e, agora, herói brasileiro

*A experiência cristã das Missões Guaranis
representa um verdadeiro triunfo da humanidade.*
(Voltaire)

No dia 7 de fevereiro de 2006, comemorou-se os 250 anos da morte de Sepé Tiaraju, o índio que liderou os guaranis na resistência à demarcação imposta por portugueses e espanhóis que os expulsavam de suas terras, as Reduções Jesuíticas.

Naquela ocasião, apresentei o Projeto de Lei nº 5.516/2005 que propunha a inscrição do nome de Sepé Tiaraju no *Livro dos Heróis da Pátria*. A proposta, após aprovação na Câmara dos Deputados e no Senado Federal, veio a ser sancionada no dia 21 de setembro de 2009 pelo vice-presidente da República, no exercício da presidência da República, Sr. José Alencar. Este ato tornou-se motivo de muita alegria e satisfação para centenas de organizações sociais, sindicais, religiosas e de pesquisadores e estudiosos, que sempre buscaram atribuir o devido reconhecimento a essa importante passagem da História do Brasil, relegada, por muitas décadas, a um plano secundário.

Minha iniciativa, assim, visou à divulgação da saga dos Sete Povos das Missões e da participação de Sepé Tiaraju na defesa das terras guaranis diante dos exércitos de Portugal e Espanha, que, unidos, promoveram, no ano de 1756, um dos maiores massacres registrados na história contra uma nação indígena da América Latina.

Experiência vivida nos séculos XVII e XVIII, no local onde hoje ficam o Estado do Rio Grande do Sul e os vizinhos países Paraguai, Uruguai e Argentina, as comunidades jesuíticas deixaram um legado inestimável nas artes, na política, na economia e no desenvolvimento do sul do país. Foram precursoras da metalurgia, da cutelaria e da tecelagem na região. Não bastassem tais méritos, o povo guarani notabilizou-se também pelas manifestações artísticas ligadas especialmente à arquitetura, escultura, pintura, música, dança e teatro.

Para se ter uma ideia do vigor do Período Missioneiro, somente na Redução de São Miguel, uma das que compunham os Sete Povos, habitavam mais de 10 mil índios.

Na política, embora os jesuítas não abrissem mão do controle geral das missões, havia eleições para os cargos de corregedor (prefeito), alcaides (vereadores) e chefes de vigilância (delegados de polícia), o que demonstra ter sido a sociedade guarani construída com base nos princípios da democracia.

A organização econômica era comunitária, ou seja, os meios de produção pertenciam à toda a comunidade. O resultado da produção era armazenado e distribuído entre todos, sendo o excedente utilizado para a compra de matéria-prima para produção de ferramentas, para o envio de tributos à Coroa Espanhola e à Companhia de Jesus (em Roma), para o sustento da estrutura pública e para a assistência às crianças, órfãos e viúvas. Pode-se dizer que se constituía numa comunidade com traços socialistas e de trabalho cooperado.

É neste ambiente que se destaca, por sua atuação, José Tiaraju, mais conhecido como Sepé, que na língua guarani significa “Facho de Luz”. Era o corregedor da Redução de São Miguel quando da assinatura do Tratado de Madri, em 1750, em que os reis de Portugal e Espanha decidiram trocar os Sete Povos das Missões (que até então pertenciam à Coroa Espanhola) pela Colônia do Sacramento (que pertencia a Portugal). O tratado obrigava os guaranis a abandonarem suas cidades, igrejas, lavouras, fazendas, onde criavam dois milhões de cabeças de gado e, principalmente, a abandonarem a terra de seus ancestrais.

Sepé Tiaraju liderou a resistência dos índios missioneiros à demarcação imposta pelos portugueses e espanhóis, sintetizando sua disposição por meio da célebre frase: “Esta terra é nossa! Nós a recebemos de Deus e do arcanjo São Miguel. Somente eles nos podem deserdar!”. Tal resistência foi batizada pelos historiadores de Guerra Guaranítica e se estendeu de 1754 a 1756. Em 1756, Sepé Tiaraju, à frente de um contingente estimado em 1.500 índios, enfrenta um exército formado por mais de 3.400 homens fortemente armados, pertencentes às duas maiores potências militares da época: Espanha e Portugal.

Sepé Tiaraju tombou em combate no dia 7 de fevereiro de 1756, em um local chamado Batovi, situado, hoje, na cidade de São Gabriel (RS). Contam os diários de guerra do exército português que o chefe militar missioneiro foi alanceado por um soldado português e em seguida alvejado por um tiro de misericórdia disparado por um espanhol.

Três dias depois, em 10 de fevereiro de 1756, o exército guarani foi trucidado na Batalha do Caiboaté, em um local também situado no município de São Gabriel (RS), sem que praticamente houvesse baixas nos exércitos invasores. Os poucos sobreviventes, acompanhados dos jesuítas, foram expulsos para a banda oriental do Rio Uruguai. Meses depois, pouco restava do sonho missioneiro e cristão de uma Terra sem Males. Em 1768, acusados de buscarem fundar um Estado Teocrático, os jesuítas acabaram por ser expulsos da América. O raiar do século XIX assiste, com a política de expansão das sesmarias pelas Coroas de Espanha e Portugal, o fim definitivo do Período Missioneiro.

Por sua bravura, Sepé Tiaraju se fez santo pelo povo gaúcho, que o canonizou, por conta própria, como São Sepé. E, pelo legado de tenacidade na defesa do solo em que nasceu, tornou-se uma referência na luta pela preservação da terra. É em reconhecimento aos seus feitos que recebe a justa homenagem de ter o seu nome inscrito ao lado de ilustres brasileiros, como Tiradentes, Zumbi dos Palmares, Santos Dumont e D. Pedro I, entre outros.

Com este material, a Câmara dos Deputados quer contribuir para resgatar uma das mais belas páginas da história nacional e atribuir o devido valor histórico, antropológico e cultural às missões jesuíticas e a seu líder guarani Sepé Tiaraju, cujo legado o torna um verdadeiro herói popular, um verdadeiro herói brasileiro.

*Deputado Marco Maia,
1º Vice-Presidente da Câmara dos Deputados.*

A SAGA DAS MISSÕES

1.1. *A invasão portuguesa e espanhola das Américas*

A América do Sul foi invadida e conquistada por portugueses e espanhóis a partir do século XV. Os espanhóis, após ocuparem o México, avançaram pela América Central e adentraram pela América do Sul, costeando o Oceano Pacífico. Avançaram pelo interior, até chegar quase nas fronteiras das terras ocupadas pelos portugueses, principalmente no sul do Brasil.

Em 1496, os reis de Portugal e Espanha assinaram o Tratado de Tordesilhas, em que consensuaram que as terras que hoje formam os estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul pertenceriam à Espanha. Tanto nas colônias espanholas, como nas portuguesas, a ganância dos colonizadores destruiu e escravizou os povos indígenas. Sob o sistema do Padroado, pelo qual o rei domina a Igreja, os missionários encontravam muitos problemas para evangelizar os índios.

No ano de 1580, o rei de Portugal, Dom Sebastião I, morreu em uma batalha, sem deixar filhos. O rei espanhol, Felipe II, primo do falecido rei de Portugal, herdou a coroa portuguesa. Esta situação durou até 1640, quando os portugueses conseguiram recolocar no trono um rei português. Para os povos indígenas, perseguidos e escravizados, não fazia diferença se o rei morava em Lisboa ou em Madri, nem se falava português ou espanhol. A dominação e a exploração das terras dos índios e a violência dos colonizadores era a mesma.

No entanto, essa união dos dois reinos sob a coroa do mesmo rei fez com que o Tratado de Tordesilhas fosse esquecido por algum tempo. Assim, os colonizadores portugueses e mamelucos começaram a avançar mais para o interior, entrando em terras que seriam da Espanha, sem que o Rei tomasse medidas sérias contra eles. Afinal de contas, eles avançavam para procurar ouro e caçar índios, e isso interessava também aos colonizadores espanhóis. No fundo, os colonizadores brancos, fossem portugueses ou espanhóis, tinham os mesmos interesses nestas sucessivas invasões: dominar os índios, tomar suas terras, levá-los para o cativeiro.





2.2. *As missões do Paraguay*

A missão dos jesuítas espanhóis se realizou, principalmente, com os indígenas da nação Guarani, que habitavam toda a parte sul do nosso continente, onde hoje se encontram os estados do sul do Brasil, a Argentina, o Uruguai e o Paraguai. Naquele tempo, toda essa região era chamada de Paraguay e lá habitavam cerca de um milhão de guaranis.

Os espanhóis consideravam os guaranis como selvagens, ignorantes e filhos do demônio. Este conceito servia para iludir a consciência dos colonizadores diante da crueldade que estavam fazendo contra os indígenas.

Os guaranis acreditavam em um só Deus, mas não tinham o costume de lhe render culto e não tinham sacerdotes. Seus pajés tinham um papel de conselheiros e curandeiros. Viviam em grupos. Cada grupo com seu cacique. Não tinham moradas fixas. Mudavam frequentemente de terras, procurando melhor caça e pesca e fazendo novas roças. Estavam sempre em busca da “terra sem males”!

Os jesuítas começaram fazendo missões ambulantes, mas logo viram que não poderiam cristianizar os guaranis sem reuni-los e fazê-los permanecer vivendo num mesmo lugar. Procuraram, então, atrair os índios para que fixassem moradia em aldeamentos missionários chamados de “reduções”. Estes aldeamentos foram organizados longe dos brancos, para lhes dificultar o processo de escravização. Nas cidades espanholas do Paraguay, havia várias brigas entre missionários e colonizadores por causa da escravização dos guaranis. Muitos jesuítas foram expulsos ou proi-

bidos de entrar em cidades porque censuravam os senhores de escravos.

Os guaranis, entretanto, também lutavam e resistiam aos caçadores de escravos. Assim, havia muitas terras em que os espanhóis não conseguiam entrar, pois perdiam as batalhas contra os corajosos guaranis. Isso acontecera na região de Guairá, hoje estado do Paraná, onde viviam cerca de 150.000 guaranis livres, que os espanhóis não conseguiam dobrar.

Os missionários jesuítas conseguiram ordem do rei da Espanha garantindo a liberdade para os guaranis, o direito de fundarem reduções na região de Guairá e a permissão de serem os únicos responsáveis pela organização e o governo das reduções. Os colonos brancos fizeram de tudo para impedir a fundação das reduções, mas tiveram que aceitá-las diante da perseverança dos jesuítas e dos interesses do governo espanhol em preservar as terras fronteiriças.

Em 1610, foi fundada a primeira redução, próxima do Rio Iguaçu, no Paraná de hoje. Prometendo aos índios proteção contra os colonos espanhóis, os padres logo conseguiram atrair muitos deles, que aceitaram deixar a vida ambulante pelas matas para viver no aldeamento.

Muitos outros índios perceberam que, na redução, tinham mais segurança do que nas matas e campos. Logo a população da primeira redução cresceu demais. Um dos caciques guaranis, chamado Atycaya, sugeriu que se repartisse a população e se fundasse outra aldeia a uma légua e meia de

Figura 2 - Plano de São Miguel Arcanjo, 1756.

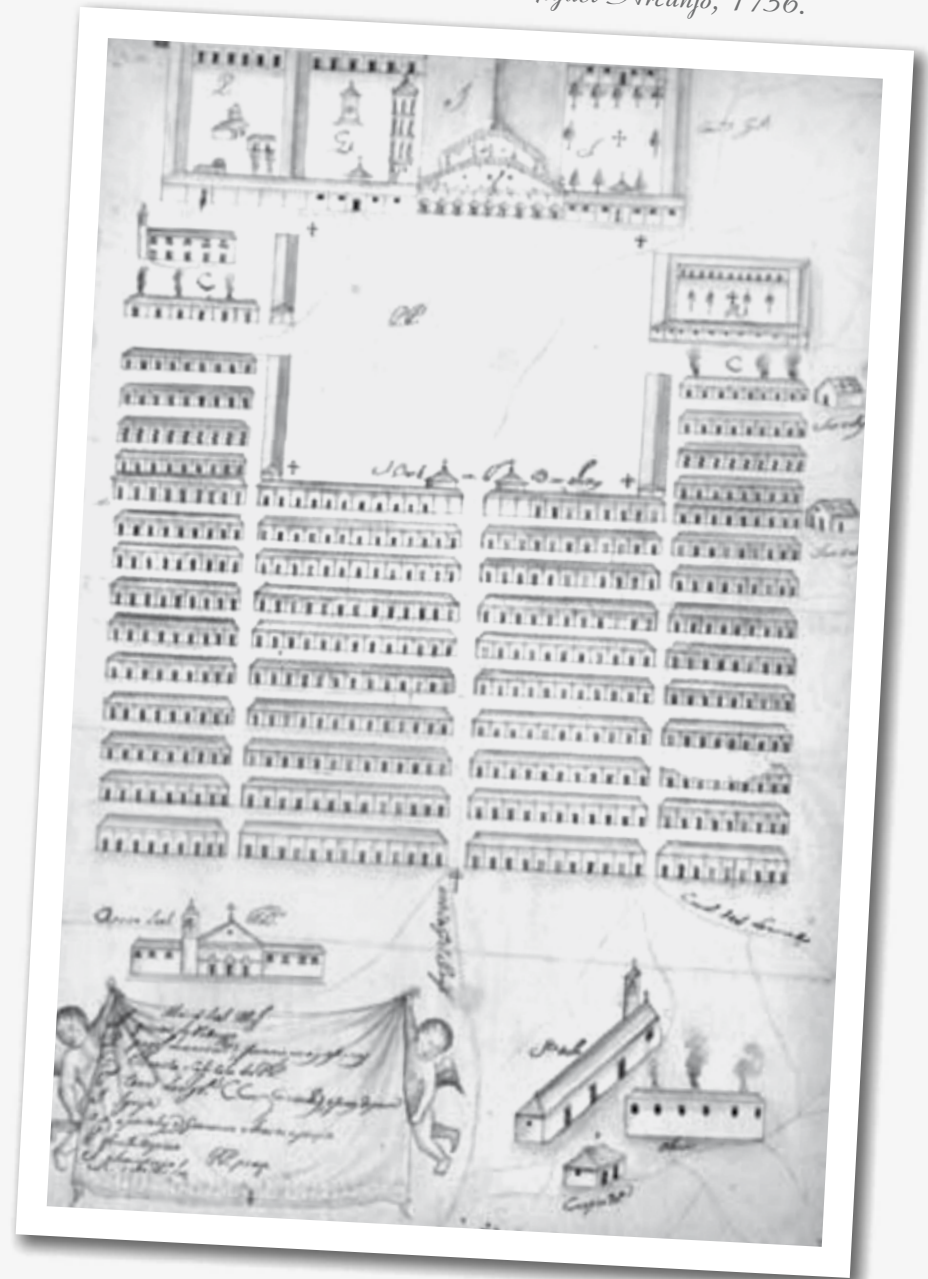
distância. Rapidamente outra e mais outras reduções foram sendo fundadas.

Jamais os jesuítas utilizaram a ajuda de soldados ou de qualquer outro branco para forçar os índios a virem para as reduções. Eles vinham livremente, em busca de segurança, ameaçados pelos caçadores de escravos.

Cresciam as aldeias, com a igreja construída no centro de uma grande praça, ruas de casas para as famílias guaranis, escolas e oficinas. Em pouco tempo, as reduções já pareciam verdadeiras cidades, cercadas de campos cultivados e grandes fazendas de gado, tudo isso pertencente à comunidade.

Os padres se dedicavam a organizar a vida material dos guaranis e também à evangelização. Davam testemunho do Evangelho, cuidavam das almas e dos corpos. Mais adiante, às margens do Rio Paraná, outros jesuítas começaram novas reduções que também se desenvolveram muito.

Em 1630 já havia 24 reduções no Guairá, contando com quase cem mil moradores, todos guaranis, com alguns poucos missionários. Mais para o sul, na Serra do Tape, havia outras doze reduções e mais quatro no Vale do Rio Paraná. Tudo ia bem, mas a perseguição também havia de chegar.



3.3. *A ganância dos bandeirantes contra a comunidade dos guaranis*

Os missionários, ao se afastarem ao máximo do perigo dos colonos espanhóis, sem saber, tinham se colocado ao alcance de novos inimigos: os bandeirantes paulistas do lado do Brasil.

A Vila São Paulo de Piratininga, hoje a grande cidade de São Paulo, era habitada, majoritariamente, por mamelucos bem comprometidos com a empresa colonial. As terras da capitania de São Vicente, onde ficava São Paulo, não eram tão boas para a cana-de-açúcar. Além disso, o açúcar produzido em seus engenhos era mais difícil de exportar para a Europa, pois ficava bem mais longe, tornando o transporte mais caro. Os paulistas não podiam enriquecer com o açúcar tanto quanto os colonos do Nordeste do Brasil. Por isso, tinham dificuldade de comprar escravos africanos, mais caros, e dependiam muito mais de escravos indígenas.

Desde o início do século XVI, os paulistas começaram seus ataques às reduções dos guaranis, primeiro com pequenas expedições que matavam ou levavam cativos muitos índios. A partir de 1628, começaram a chegar às regiões das reduções verdadeiros exércitos, formados por milhares de homens, arrasando os aldeamentos, tornando cativos milhares de homens e mulheres guaranis, velhos e crianças, sendo que muitos morriam no caminho, pois não aguentavam a viagem de volta a São Paulo pela selva.

Os padres não desanimavam e continuavam tentando começar tudo de novo, mas os mamelucos paulistas volta-



Figura 3 - Família guarani capturada por caçadores de índios escravistas. Pintura de Debret, 1830.

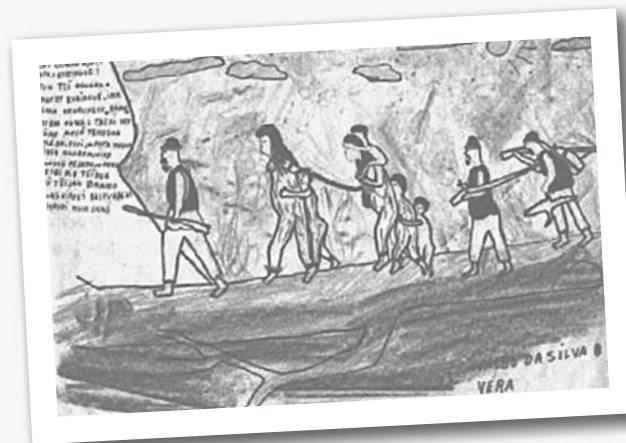


Figura 4 - Releitura guarani da pintura de Debret.

vam e continuavam a destruição. Os índios não podiam se defender, pois não tinham a permissão de possuir armas de fogo. Suas flechas pouco podiam contra a pólvora e o chumbo dos bandeirantes.

Quinze mil guaranis chegaram, de uma única vez, a ser levados cativos para São Paulo, enquanto outros milhares já haviam sido mortos. As reduções do Guairá estavam destruídas. Dois padres jesuítas, desesperados, certa feita seguiram

atrás dos bandeirantes e guaranis presos. Conseguiram, mortos de fome e canseira, chegar até São Paulo. Lá foram presos também, mas acabaram libertados pela intervenção dos jesuítas de São Paulo. Foram ao Rio e mandaram seu protesto ao Papa, devido ao massacre realizado pelos mamelucos contra os cristãos guaranis e contra todas as ordens do rei e da Igreja. Diante das reclamações dos missionários, as autoridades lhes davam razão, concordavam que aquele fato era um abuso, mas tudo ficava apenas em palavras. Não tomavam nenhuma providência contra a escravidão indígena.

Na realidade, as autoridades coloniais até favoreciam os bandeirantes, pois os exploradores brancos não toleravam a existência de um território que escapava ao seu domínio, povoado por milhares de índios livres. Os colonizadores queriam terras e escravos.

Em meio a estas discussões, os jesuítas conseguiram um decreto do Papa que declarava excomungados todos os cristãos que atacassem as missões e que escravizassem os índios das reduções. Isso provocou uma revolta entre os senhores de escravos que acabaram por expulsar da capitania de São Vicente todos os padres jesuítas, que só conseguiram voltar 13 anos depois. Também no Rio de Janeiro, arrombaram as portas dos colégios e da igreja dos jesuítas, querendo expulsá-los. A situação só se acalmou porque as autoridades prometeram aos colonos dar um jeito na situação junto ao Papa.

Nem decretos do Papa, nem ordens do rei, nada fazia efeito contra a cobiça dos bandeirantes, e as destruições con-

tinuaram. Em 1631, cerca de 2.500 famílias guaranis partem das reduções do Guairá, viajando a pé ou em canoas, perseguidos pelos mamelucos. Só conseguiram salvar-se e chegar à nova terra, em segurança, porque atravessaram para o outro lado das grandes cachoeiras da Foz do Iguaçu.

Devido a novos ataques, avançaram mais para o sul, até a região de Entre Rios, na Argentina, e o Rio Grande do Sul, depois de meses de canseira, fome, doenças. Ao fim desta marcha, dos 100 mil guaranis que havia nas reduções do Guairá, restavam apenas 12 mil. Porém, novas tribos vieram se juntar aos guaranis cristãos e logo estavam reunidos, na nova terra, mais de 50 mil pessoas, prontas a começar tudo de novo.

Em 1639, os jesuítas conseguiram do rei a licença para que os guaranis pudessem fazer uso de armas de fogo, mudando a situação de até então. Como os mamelucos não desistiam, perseguiam os índios em suas novas terras, acabaram por se defrontar com um exército guarani bem armado e treinado que os venceu, em 1641, na histórica Batalha de M'Bororé. Pode-se afirmar que, daquele momento em diante, os bandeirantes foram obrigados a deixar em paz os guaranis.

Essa paz durou cerca de 100 anos, permitindo, então, um extraordinário desenvolvimento das reduções guaranis, grande parte delas no atual Estado do Rio Grande do Sul. Nesse período, apenas as epidemias, sempre mortais para os indígenas, ou crises de fome por causas naturais atacavam as reduções, que assim mesmo cresceram.

4.4. *A fraternidade nas comunidades guaranis*

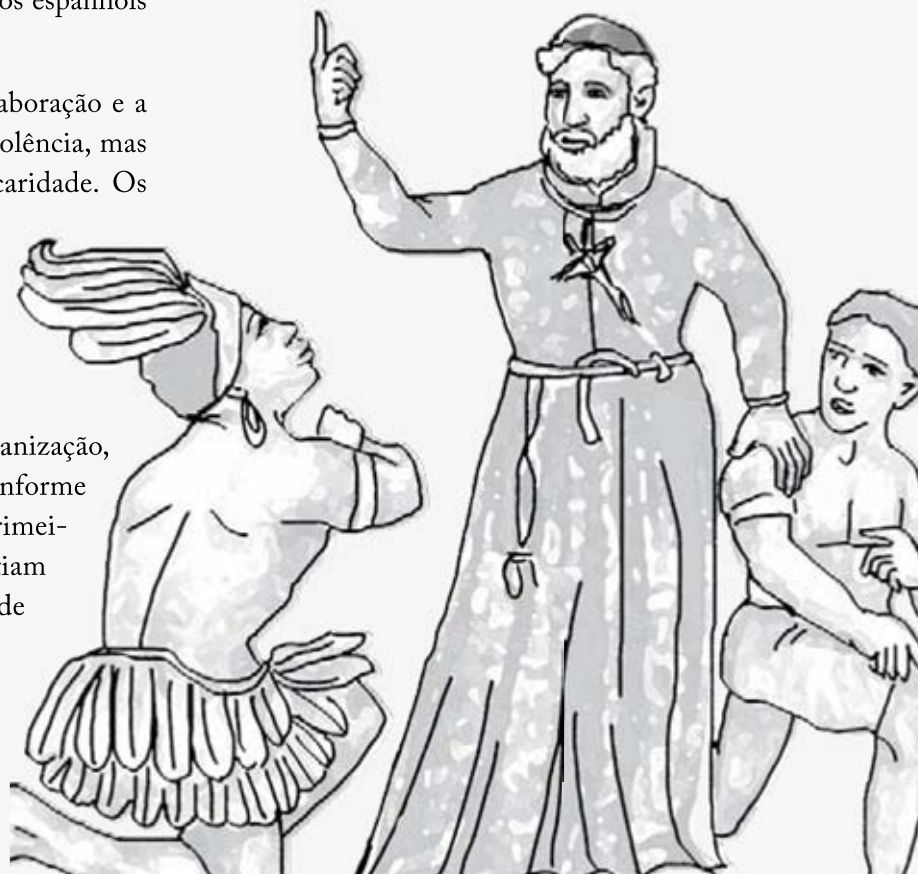
Enquanto organizavam a vida material dos guaranis, os padres jesuítas iniciavam a evangelização dos moradores das reduções. Essa evangelização era feita pouco a pouco. Os missionários sabiam que a maioria dos índios não tinha vindo para a redução por causa do desejo de conhecer a fé cristã, mas sim em busca de proteção contra os espanhóis e portugueses escravagistas.

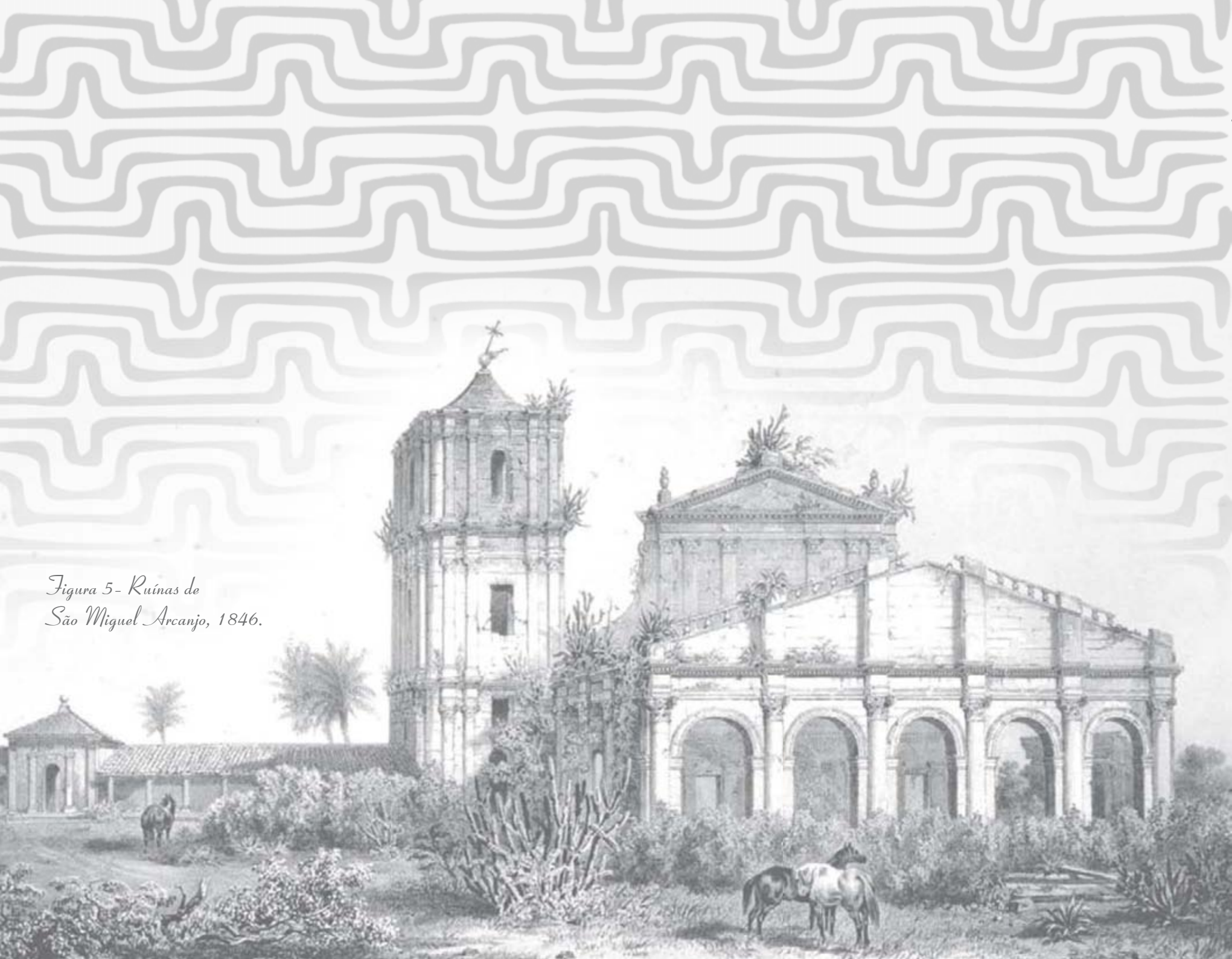
Os jesuítas conquistavam a confiança, a colaboração e a conversão dos guaranis não pela força da violência, mas pela força de sua pregação, do exemplo e da caridade. Os não convertidos também tinham o direito de viver na redução e receber benefícios, mas os convertidos tinham privilégios e melhores condições. Isso também influía para os índios aceitarem o cristianismo.

Os jesuítas adotaram, como modelo de organização, a comunidade dos primeiros cristãos, conforme está descrito nos Atos dos Apóstolos: os primeiros cristãos punham tudo em comum, repartiam o que possuíam conforme as necessidades de cada um, e não havia necessitados entre eles.

Seguindo esse modelo, os padres quiseram criar, com os novos cristãos guaranis, uma sociedade em que todos fossem irmãos e iguais no modo de organizar a vida, a produção e a distribuição das riquezas.

Os guaranis e missionários conseguiram organizar sua vida de uma forma tão extraordinária que enchia de admiração as pessoas de boa vontade que os visitavam. Quem não gostava do que estava acontecendo eram os gananciosos colonizadores espanhóis e portugueses.





*Figura 5- Ruínas de
São Miguel Arcanjo, 1846.*

5.5. “Não havia necessitados entre eles”

Nas reduções, como já era costume dos indígenas, não existia propriedade particular de nenhum dos meios de produção, isto é, das coisas que são necessárias para produzir os bens que precisavam para viver. Terras, gado, plantações, oficinas e ferramentas, tudo pertencia igualmente à comunidade, sem exceção.

Cada família recebia da comunidade uma casa para toda sua vida, sem precisar comprá-la e nem pagar aluguel. Não podia deixá-la de herança para os filhos. A herança não era necessária, porque cada jovem que se casava recebia igualmente uma casa por toda sua vida.

Toda produção das plantações e das oficinas era entregue no armazém da comunidade. Os encarregados dos armazéns, que eram todos guaranis, anotavam tudo que entrava e qual tinha sido a produção de cada pessoa. Semanalmente, os encarregados dos armazéns entregavam aos chefes de quarteirão os mantimentos necessários para suas famílias. Os chefes então distribuíam conforme o número de pessoas em cada casa. Quanto mais se empenhassem no trabalho para aumentar a produção, mais aumentava a fartura na mesa de todos os guaranis.

Quando um pai de família desejava outras coisas produzidas pela comunidade, além dos mantimentos, podia retirá-las do armazém comunitário, no valor dos bens que ele tinha produzido com seu trabalho. Tudo estava anotado e contado, de modo que os preguiçosos não podiam se aproveitar e viver à custa do suor dos outros.

O valor dos produtos era dado pelo tempo de trabalho necessário para produzi-los. As crianças, velhos e doentes, recebiam igualmente da comunidade todo o necessário para viver. Havia casas especiais para as viúvas e hospitais para os doentes. As moças tomavam conta das crianças que ainda não iam para a escola, para que as mães ficassem livres para os serviços de casa.

Nas reduções não circulava dinheiro, pois não era necessário feira ou comerciantes. Toda a produção pertencia a todos e era distribuída conforme as necessidades de cada um. Todos deviam trabalhar na produção ou em serviços necessários para a vida da redução. Mesmo as crianças, fora de seu horário de escola, deviam colaborar no trabalho. As mulheres cuidavam da casa e também de fiar e tecer o algodão e a lã, produzindo tecidos para vestir a população.

Todos os outros tipos de trabalho, nos campos ou nas oficinas, eram feitos por grupos, com a chefia de um contramestre, também guarani, eleito pelos companheiros. O contramestre não estava dispensado de trabalhar na produção. Todas as pessoas trabalhavam, e ninguém vivia às custas dos outros. Bastava uma jornada média de seis horas de trabalho por dia para que a comunidade produzisse tudo o que precisava para viver e para vender aos espanhóis. Somente nos tempos de sementeiras ou da colheita o trabalho aumentava. Enquanto isso, no resto do mundo, os pobres escravos e trabalhadores eram obrigados a trabalhar mais de doze horas por dia, sem descanso e sem direitos trabalhistas.

Figura 6 - Passagem de um rio por jesuítas e índios.

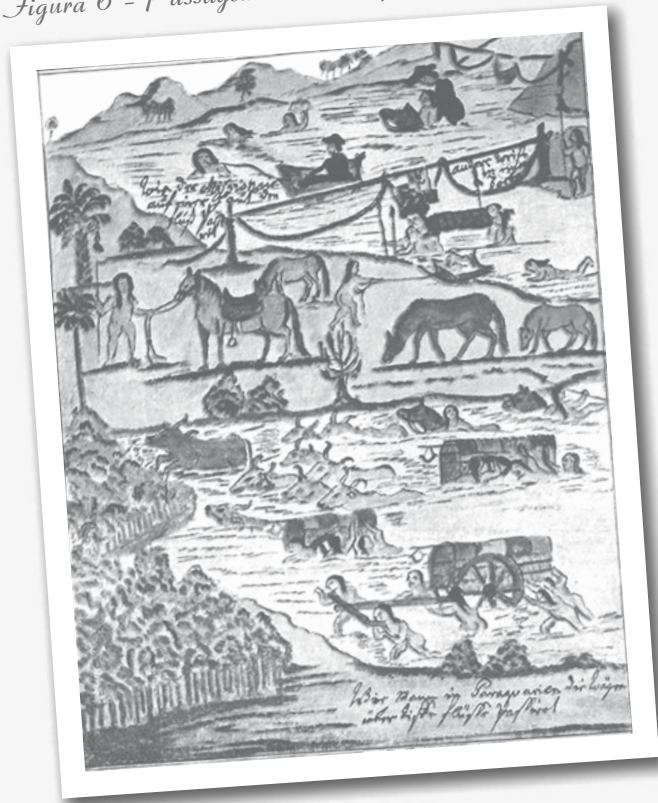
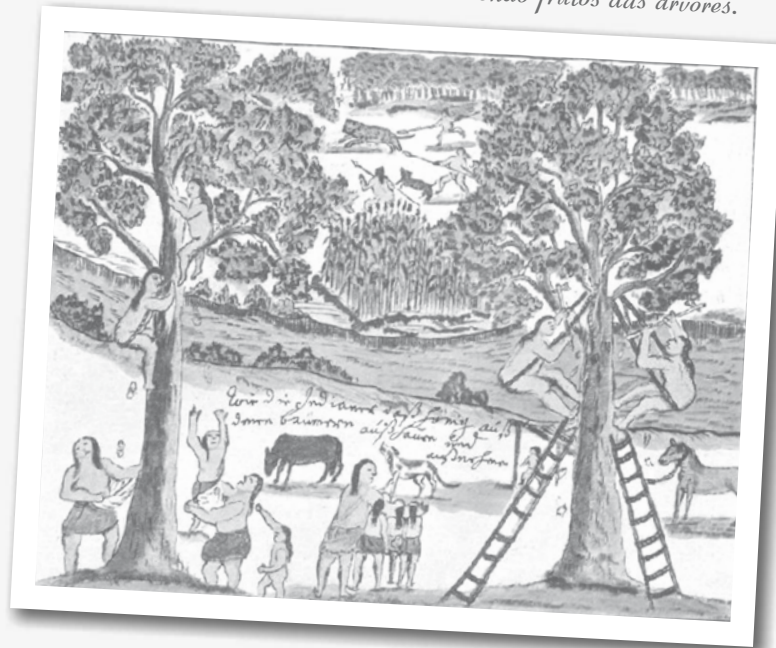


Figura 7 - Índios Mocoví colhendo frutos das árvores.



A parte da produção que não era necessária para o povo da redução era vendida fora, trocada por dinheiro. O dinheiro era necessário para pagar os impostos devidos ao rei e à Companhia de Jesus, em Roma, e para comprar materiais que a redução não podia produzir sozinha, sobretudo o ferro para fundir e fabricar ferramentas, armas e outros objetos. Eram os próprios guaranis, escolhidos pela comunidade, que se deslocavam, em certas épocas do ano, às cidades coloniais para fazer esse comércio em nome de toda a população das reduções, sem levar com isso nenhuma vantagem individual.

Algumas reduções chegaram a ter até mais de 20 mil habitantes, mas, quando a população crescia demais, uma parte saía para fundar um novo aldeamento. Com esse sistema, as reduções progrediam muito rapidamente, sua produção crescia e logo havia mais fartura e riqueza nas reduções do que em muitos territórios dominados pelos colonizadores. É claro que isso causava inveja, despeito e trazia problemas.

6.6. *A liberdade das reduções tinha inimigos*

Os colonizadores estavam enraivecidos porque não podiam explorar e tirar proveito das terras das reduções e do trabalho dos guaranis. Só os próprios indígenas é que se beneficiavam de seu trabalho.

Os brancos começaram, então, a acusar os padres de estarem escravizando os índios para enriquecer às custas do trabalho deles. Mas essa acusação era caluniosa: como é que um punhado de padres, sem armas e sem soldados, poderia dominar e explorar uma multidão de índios, que chegaram até a ser mais de 300 mil nos tempos de maior prosperidade das reduções? Se os índios aceitavam viver nas reduções, era porque concluíam que, ali, o sistema de vida trazia-lhes benefícios, embora também fosse verdade que os padres mantinham uma disciplina bem rígida com os índios, aplicando, inclusive, castigos físicos.

Outra acusação, contra os jesuítas, era de que estavam organizando um sistema prejudicial à economia colonial. De fato, nas reduções não havia propriedade privada, tudo era comunitário. Os inimigos das reduções diziam que isso era um impedimento para o progresso, pois tirava o estímulo dos índios para trabalhar e enriquecer. Mas, na verdade, as reduções progrediam e produziam muito mais do que o resto da colônia. Os índios trabalhavam com vontade, sabendo que tinham toda a segurança na velhice e na doença. Toda a vida era garantida pela comunidade.

Diante das acusações, os padres tentaram transformar o modelo implantado, do uso comunitário da terra, em propriedades particulares, entregando um lote para cada família. Mas os guaranis mostraram-se inflexíveis a aceitar essa mudança. Sabiam que podiam continuar vivendo bem em comunidade, com a garantia do sustento de todos, sem inimizades ou disputas de propriedade. A terra comunitária era chamada Tupambãe (Terra de Deus).

Nas oficinas, que também eram comunitárias, produziam com perfeição todos os objetos conhecidos naquele tempo: móveis, instrumentos musicais, ferramentas, barcos, objetos de couro e até relógios. Eram excelentes artistas, na música, na pintura, na escultura, teatro e dança.

O conjunto das reduções do Paraguai, que duraram cerca de 150 anos, chegou a ser a região mais desenvolvida de toda a América. Era comum os viajantes que visitavam as missões relatarem, às vezes em livros ou em cartas, as maravilhas sobre a vida dos guaranis: suas cidades eram muito mais bonitas, asseadas e confortáveis do que as cidades dos colonizadores; seus campos e gados, muito melhor tratados; suas igrejas, muito maiores, mais belas e bem cuidadas que as igrejas dos cristãos brancos.

Figura 8 - Arte missioneira: Nossa Senhora da Conceição.

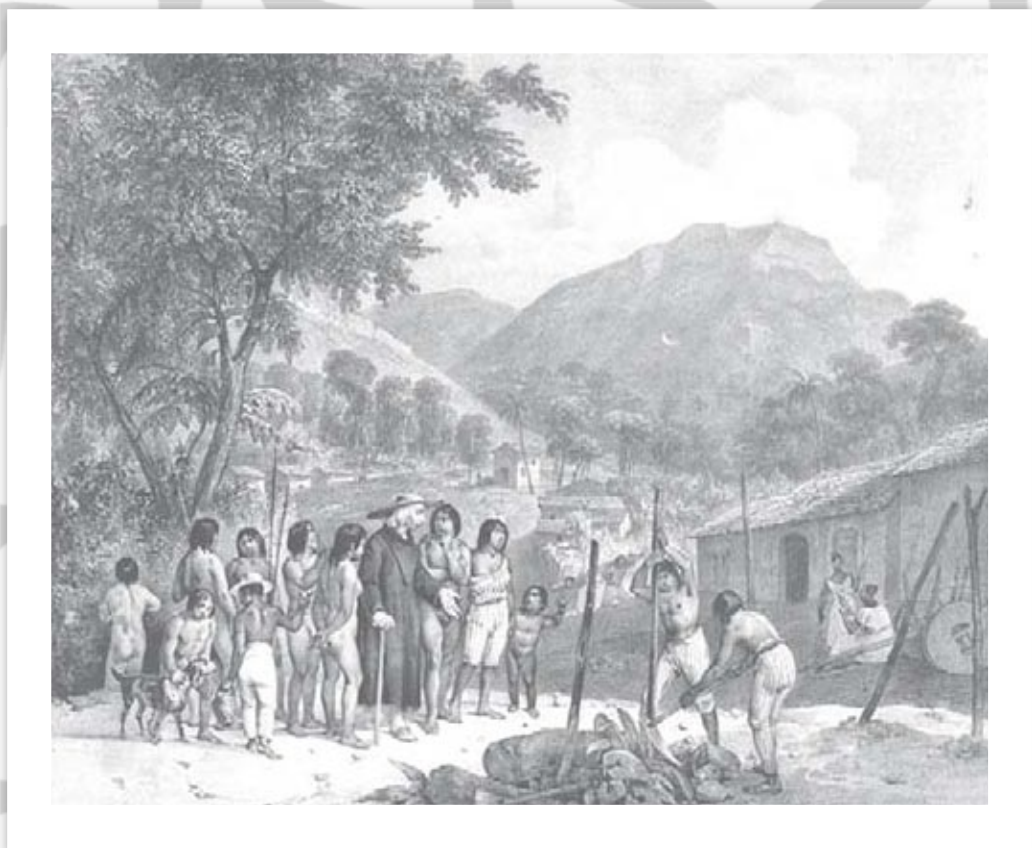


Figura 9 - Aldeia dos Tapuias, 1820.

7. O Evangelho vivido nas reduções do Paraguay

Os documentos e cartas dos visitantes das reduções jesuíticas também descreviam, com espanto, a grande fé e devoção que viam entre os guaranis cristãos. De fato, a organização da vida nas missões, onde todos viviam realmente como irmãos, facilitava muito mais a compreensão do Evangelho de Jesus, que se baseia na fraternidade e no amor. Ali, os indígenas podiam compreender a verdade do Evangelho, o que não acontecia com os índios escravizados.

Pela manhã, todas as crianças iam ao catecismo. Todos compareciam às orações da manhã, na praça em frente à igreja, e à oração do rosário, à tardinha. A missa era obrigatória só aos domingos e dias santos para os guaranis já convertidos e batizados, mas muitos iam à missa todos os dias. É claro, porém, que os mais piedosos eram mais bem vistos pelos padres e recebiam privilégios.

O trabalho só se iniciava em torno das nove horas da manhã e terminava pelas quatro ou cinco da tarde, de modo que todos tinham bastante tempo para se dedicarem à oração, ao divertimento e à convivência com a família e companheiros. Os grupos de trabalhadores, quando saíam para os campos pela manhã, ou voltavam, pela tarde, vinham em procissão, cantando e conduzindo a imagem de Santo Isidoro, padroeiro dos agricultores.

As festas religiosas eram muito frequentes, e, nas missas, a reza era acompanhada de muita música, cantos e danças,

muito ao gosto dos indígenas. Para essas festas eram convidadas as reduções vizinhas.

Os próprios guaranis também se dedicavam à evangelização entre os pagãos. Saíam em expedições pelas matas, em busca de seus irmãos ainda desconhecedores do Evangelho, para pregar a Palavra de Deus e convidá-los a viver nas reduções. Onde os jesuítas falhavam, era comum os pregadores guaranis obterem sucesso, convertendo outros guaranis. Muitos deles perderam a vida, como mártires, a serviço do Evangelho.

Muitos visitantes consideraram exemplar a vida cristã dos convertidos guaranis. Apesar disso, nunca foi permitido a qualquer indígena das reduções ser ordenado padre. Pode-se inferir que os próprios jesuítas, apesar de seu amor pelos guaranis, ainda traziam muito da mentalidade dos brancos europeus da época: achavam que os índios eram seres inferiores, que não seriam capazes de se tornarem bons padres, que não tinham inteligência suficiente e que não eram capazes de guardar castidade. Mas os fatos provaram que os guaranis tinham a cabeça e a alma tão boas quanto as dos brancos e foi apenas o preconceito destes que impediu um crescimento maior por parte dos indígenas.



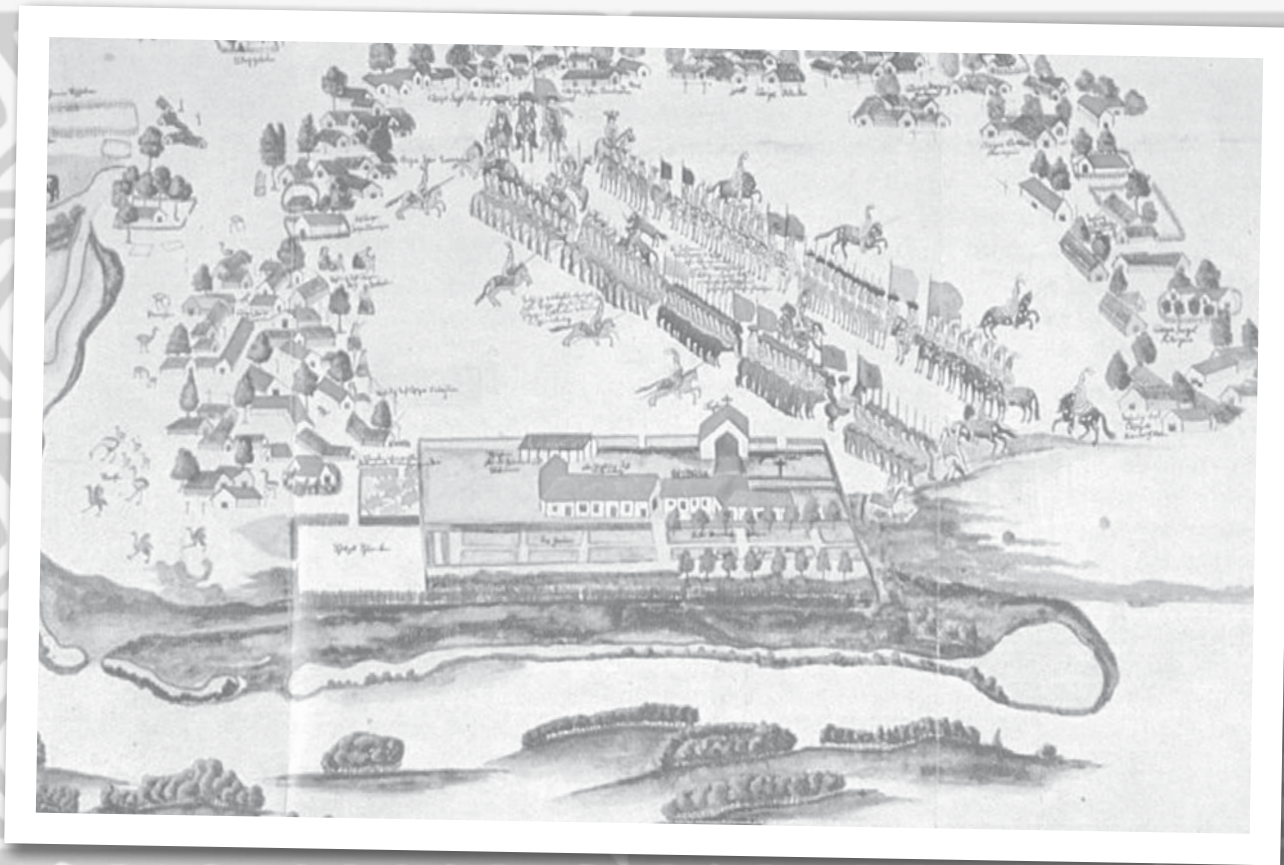


Figura 10 - Cavalaria Guarani, séc. 18.

8. Uma república livre, mas perseguida

O conjunto das reduções guaranis formava uma verdadeira república, uma nação livre e independente. Oficialmente, eram considerados súditos do rei da Espanha.

Os missionários celebraram um acordo com o rei de Espanha para poder garantir a liberdade das reduções. Por esse acordo, os guaranis deveriam servir ao rei pagando impostos. Mas os próprios padres e indígenas, muitas vezes, não pagavam os impostos. Os índios entendiam que nada deviam ao rei, afinal eles eram os verdadeiros donos daquelas terras e os brancos eram os invasores. Não se sentiam devedores dos espanhóis; ao contrário, os espanhóis é que eram os devedores dos guaranis.

Comprometiam-se, pelo acordo, a também prestar ajuda militar ao rei quando fossem convocados, mas evitavam entrar em guerra, a não ser quando a própria segurança das reduções estava ameaçada. Assim, as milícias guaranis combateram ao lado das tropas do rei espanhol contra os portugueses, na colônia do Sacramento, e contra uma rebelião dos moradores da cidade colonial de Assunção, no Paraguai.

Todos os homens das reduções recebiam treinamento militar e se tornavam ótimos soldados. Não havia um exército permanente, pois, em tempos de paz, todos continuavam trabalhando na produção. Seus exércitos eram bem armados, pois passaram a fabricar suas próprias armas de fogo, inclusive canhões. Contavam com

batalhões de arqueiros e lanceiros. Construíram centenas de barcos de combate. Precisavam estar sempre alertas para defender sua liberdade. As fronteiras eram guardadas por homens armados, nenhum branco entrava no território sem permissão.

Cada redução era governada por um corregedor guarani e por um conselho, eleitos pelo povo, pelo período de um ano. Todos os outros cargos de administração e chefia dos serviços públicos eram também preenchidos por eleição e renovados de tempos em tempos. Os governantes, entretanto, não recebiam nenhum privilégio a mais do que os simples moradores. Deviam continuar a trabalhar na produção e

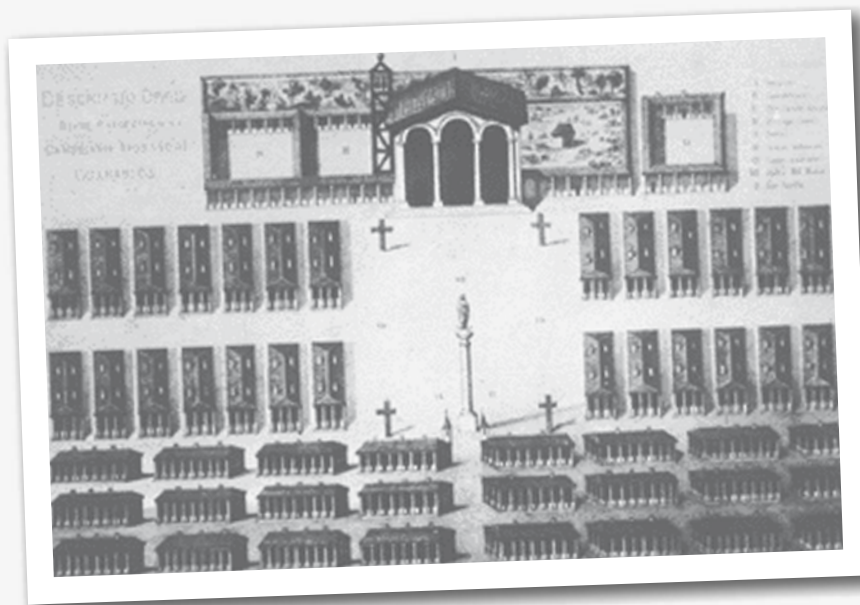


Figura 11 - Plano de Calendária (planta típica de uma missão jesuítica).

recebiam o mesmo tanto que os outros na repartição. Não se criava uma classe privilegiada de políticos e poderosos.

As reduções tinham suas próprias leis e regulamentos. Aquele que faltasse à lei era julgado pelo conselho e punido. Não havia pena de morte, o que era comum na maioria dos outros países do mundo. A punição era apenas a prisão ou, nos casos mais graves, o açoite, em número determinado. O corregedor e o conselho, com o padre encarregado da redução, é que tomavam juntos todas as decisões que influíam na vida geral do povo.

As decisões e as eleições com a participação de toda a comunidade indígena não podia ser posta em prática sem a aprovação dos padres. O governo do conjunto das reduções também ficava na mão do Superior Jesuíta. Esta governança nunca foi confiada diretamente aos guaranis. Não havia uma Assembleia dos Corregedores.

Este parece ter sido o principal erro dos missionários: demasiadamente paternalistas com os guaranis, nunca chegaram a confiar inteiramente na capacidade deles de se governarem, de assumirem inteiramente toda a responsabilidade de sua república. Os padres consideravam que os guaranis sempre precisavam dos missionários tomando conta deles. Veremos que esse fato foi uma das causas da destruição da República Guarani do Paraguay.

9. *A ganância destrói a obra do Evangelho*

Diante da forma de vida da República Guarani, podemos logo imaginar o ódio que ela despertava entre os colonizadores brancos. Aquela sociedade de índios, onde reinava a fraternidade e a igualdade, a fartura e a riqueza comunitária, e, sobretudo, a liberdade e a posse de terras extensas e férteis, atiçava a cobiça do sistema colonial do resto da América. A cobiça colonizadora crescia.

Em 1750, começa a derrocada da República Guarani. Lembremos primeiro que, desde 1640, Portugal e Espa-

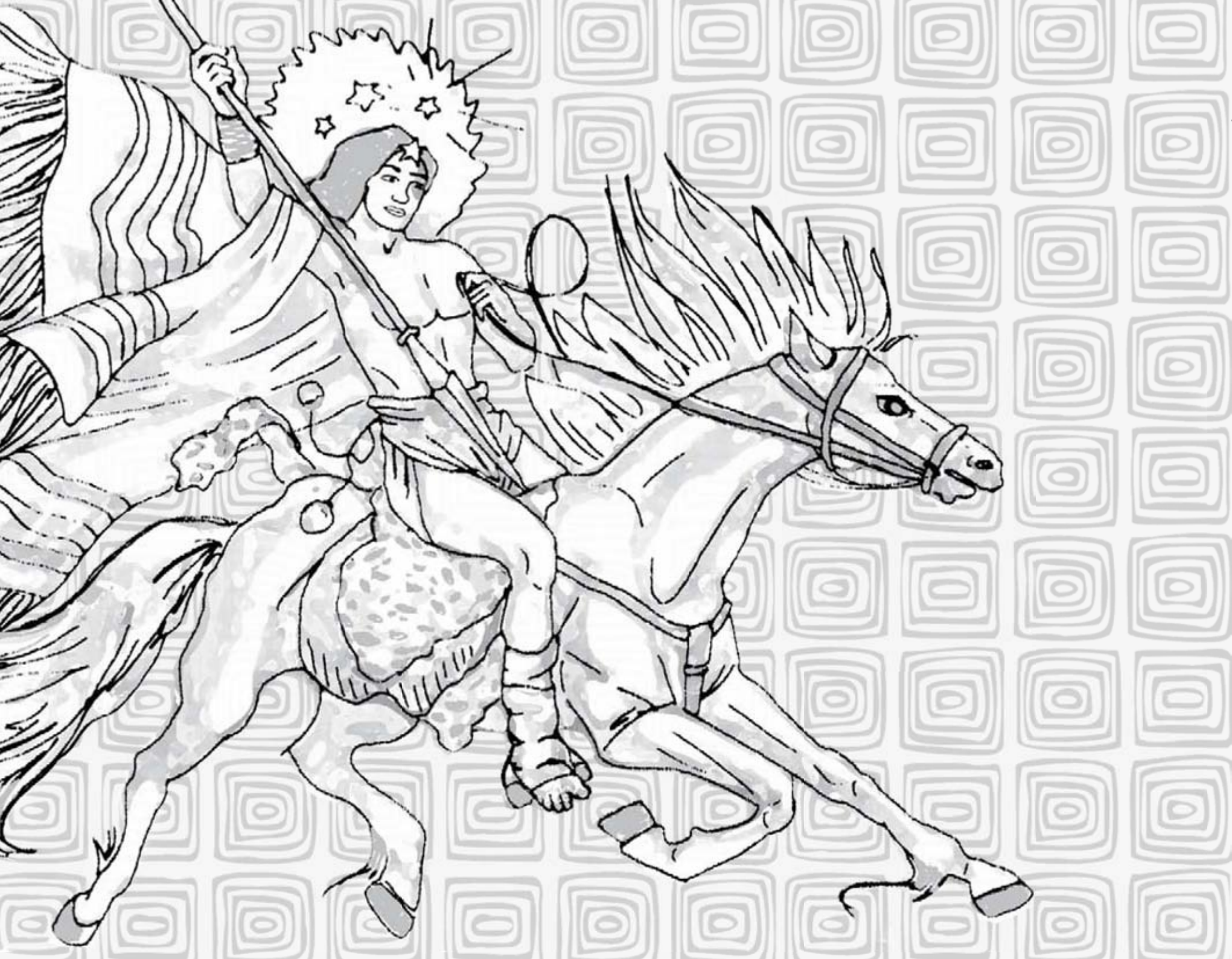
nha já eram, novamente, dois reinos separados. Os portugueses possuíam a Colônia de Sacramento ☒ nas margens do Rio da Prata, hoje terras do vizinho Uruguai ☒, cidade que os espanhóis queriam para si. Os portugueses, por seu lado, desejavam a posse das terras que ficavam na margem ocidental do Rio Uruguai, hoje Estado do Rio Grande do Sul. Os dois reis, então, fizeram um novo acordo, o Tratado de Madrid, no qual ajustavam a troca: Portugal cedia, à Espanha, a Colônia do Sacramento, e a Espanha entregava, aos portugueses, as terras onde se situavam os Sete Povos das Missões, as reduções mais populosas e ricas.

Não tardou, os missionários e índios receberam ordem de abandonar suas cidades e terras, levando apenas seus bens móveis e o gado, devendo migrar para a parte espanhola, do outro lado do Rio Uruguai.

No início, os jesuítas tentaram convencer os índios a obedecerem ao rei, mas os guaranis, conscientes de seus direitos à terra e às riquezas que tinham construído com seu trabalho, se recusaram a partir. Consideravam-se uma nação livre, dona de seu território, e não aceitavam o fato de ter de entregá-lo devido a um tratado que o rei tinha firmado sem os consultar.



Figura 12 - Índios atravessando um riacho (O caçador de escravos), 1825.



10. *Sepé nasce no povo organizado*

Chefiados pelo corregedor da redução de São Luís, Miguel Javat, os guaranis se mobilizaram e iniciaram a resistência às tropas espanholas e portuguesas que se uniram para fazer cumprir o novo tratado. Logo foram seguidos pelos guaranis da redução de São Miguel, chefiados pelo corregedor Sepé Tiaraju. Diante do comando militar luso-espanhol, quando recebeu o ultimato para abandonar as reduções, Sepé Tiaraju declarou: “Esta terra é nossa! Nós a recebemos de Deus e do arcanjo São Miguel. Somente eles nos podem deserdar!”.

Paralelamente, os colonizadores já vinham acusando os jesuítas de incitarem os guaranis à desobediência. Na verdade, muitos jesuítas se esforçavam para convencer os índios a se sujeitarem à determinação de Espanha e Portugal, mas a resistência livre e decidida dos indígenas é que fez com que alguns outros missionários os ajudassem na luta contra os invasores, entre estes, os padres Lourenço Balda, Adolfo Skall, Tadeo Hennis e Miguel Sotto.

As demais reduções do território ameaçado também se organizaram para defender suas terras. Sepé Tiaraju assumiu a liderança da luta, demonstrando coragem e capacidade de comando. Sua certeza era de que aquela luta significava a defesa da liberdade de seu povo, a vontade de Deus. Sepé foi morto no dia 7 de fevereiro de 1756, numa das tantas batalhas daquela resistência. Nicolau Languiru, corregedor da redução de Concepción, substituiu Sepé, continuando a luta.

As tropas portuguesas e espanholas juntas, em grande número e bem equipadas, massacraram o exército guarani, na batalha de Caiboaté, no dia 10 de fevereiro de 1756. Os poucos sobreviventes e os jesuítas fugiram para a outra margem do rio Uruguai, deixando destruídas e abandonadas as sete cidades de suas reduções.

A vitória dos colonizadores só foi possível porque apenas as reduções da margem esquerda do Uruguai, as que foram atingidas pelo tratado, é que entraram na luta. Como não existia um governo geral dos guaranis, não houve uma defesa unificada da república com a participação dos exércitos de todas as reduções.



Depois desses fatos, o destino das reduções estava traçado. Por causa dos missionários que ficaram ao lado dos guaranis resistentes, todos os jesuítas foram acusados de traidores da Espanha. A perseguição e o ódio contra os jesuítas continuou até que, em 1767, o Rei da Espanha, Carlos III, assinou um decreto expulsando os jesuítas da Europa e de suas colônias. Os jesuítas do Paraguai, tanto os dos colégios, como os das reduções, foram presos, maltratados, torturados, durante muito tempo. Nenhum habitante da colônia podia, sequer, falar com um jesuíta preso, sob pena de morte. Todos acabaram por ser enviados, a ferros, para a Espanha.

As reduções foram, então, entregues à administração de funcionários coloniais. As fronteiras foram abertas aos

comerciantes, ao dinheiro, à ganância dos brancos, ao álcool e à exploração. Os guaranis perderam suas terras e acabaram transformados em miseráveis trabalhadores, quase escravos.

Em poucos anos, somente restavam ruínas e povos oprimidos onde, antes, vivera uma feliz e florescente sociedade de irmãos livres e iguais. A crueldade e a ganância haviam vencido a justiça e a fraternidade.

Entretanto, o povo da região das Missões guardou a memória de Sepé Tiaraju como a de um santo que morreu como mártir. Prova disto, é que há uma cidade no estado do Rio Grande do Sul batizada de São Sepé.



11. *Sepé Tiaraju* *revive no povo organizado*

Hoje, ainda encontramos alguns obstinados homens e mulheres de descendência guarani que buscam viver em comunidades próprias, conservando a língua e a mística em torno de seus “karaís” (guias espirituais). Entretanto, assistimos a uma multidão desmemoriada, de autênticos descendentes de Sepé Tiaraju, sobrevivendo nas periferias urbanas e beiras de rodovias, de rostos mestiços, olhos amendoados, cabeças cobertas por cabelos lisos e pretos, querendo emergir legitimamente na pluralidade da identidade gaúcha e brasileira. Para além dos vazios de suas memórias e na baixa auto-estima de seus rostos e sotaques, permanecem resistindo na vida real como gaúchos peões e usuários de coletivos, que se reúnem em “gauchada” ou “indiada” em torno de algum “índio velho” ou, ainda melhor, “quera velho”.

Nestas últimas décadas, quando os pobres irromperam para dentro da Igreja, por meio das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), a “memória perigosa” de Sepé Tiaraju e a saga do povo missioneiro emergiram com toda sua força. Em todo encontro de CEBs, Marcha de Movimentos Populares ou Romaria há pelo menos um estandarte deste herói missioneiro guarani. A primeira grande Caminhada dos Sem Terra, a dos 500 quilômetros, de Ronda Alta (RS) à capital Porto Alegre, em 1986, recebeu o nome de Romaria Conquistadora da Terra Prometida, alusão à utopia guarani da Terra Sem Males.

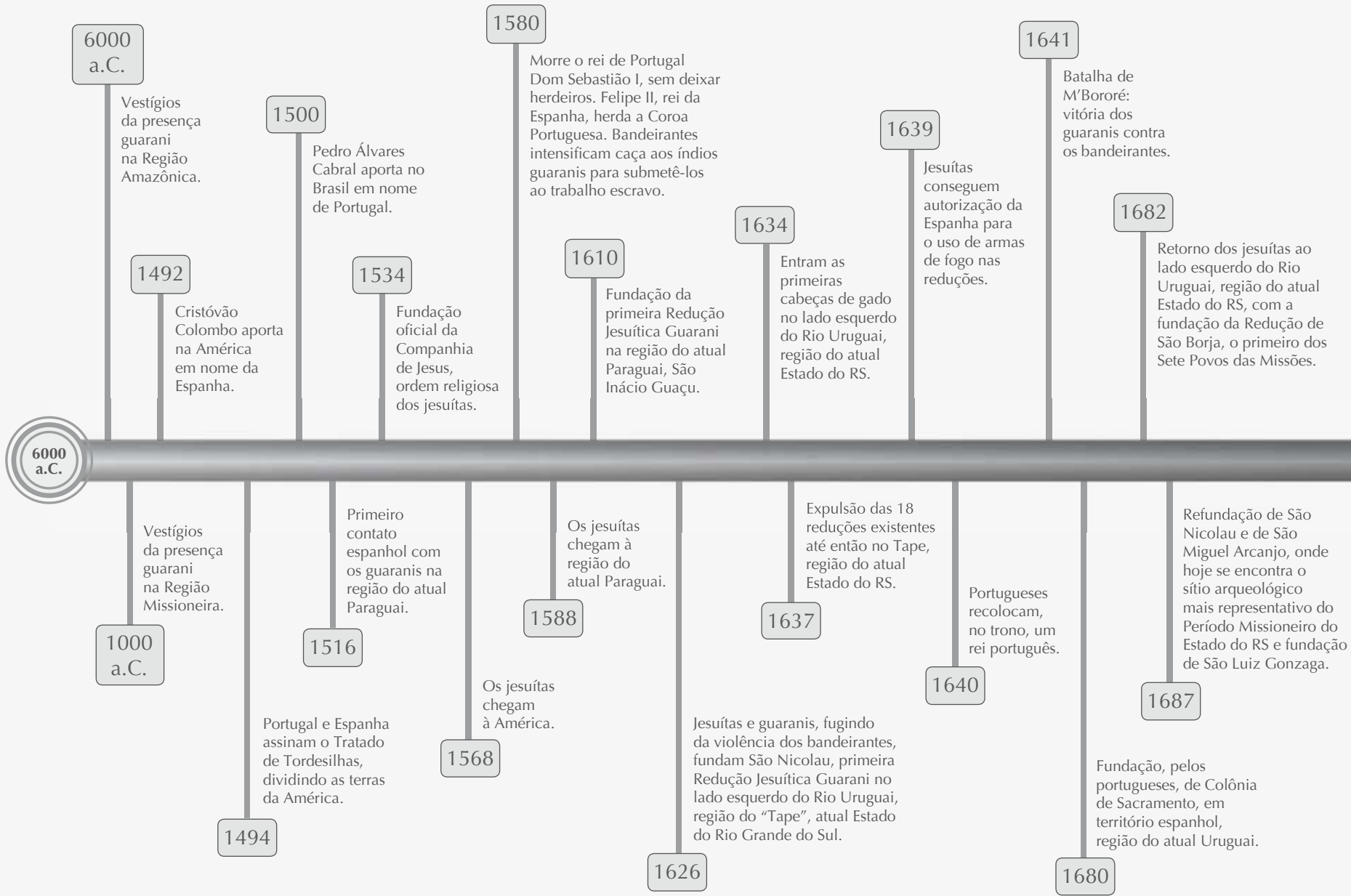
Sepé Tiaraju ou São Sepé, teimosamente e cada vez com mais força, revive nas organizações populares e nas lutas por terra, casa, pão, emprego, saúde, educação. Revive na mente e nas ações de todos aqueles que pleiteiam um outro mundo, que acreditam em uma Terra sem Males, em uma Pátria sem Males. Que o seu martírio e a sua elevação à condição de Herói da Pátria provoque a consciência histórica das gerações atuais e futuras, capaz de lhes causar a indignação necessária para que não aceitem tornarem-se cúmplices de sociedades medíocres.



Figura 13 - Monumento ao índio Sepé Tiaraju, 1967.



UMA CRONOLOGIA
DA HISTÓRIA MISSIONEIRA



1690

Fundação de São Lourenço Mártir.

1706

Fundação de Santo Ângelo Custódio.

1750

Portugal e Espanha assinam o Tratado de Madri, trocando os Sete Povos das Missões (que passa para possessão portuguesa) pela Colônia de Sacramento (que passa para possessão espanhola).

1754

Início da Guerra Guaranítica, unindo os exércitos de Portugal e Espanha contra os guaranis.

1759

Jesuítas são expulsos de Portugal.

1767

Jesuítas são expulsos da Espanha.

1773

A Companhia de Jesus é abolida pelo Papa Clemente XIV.

1814

O Papa Pio VII permite o restabelecimento da Companhia de Jesus.

1938

São Miguel é reconhecida como Patrimônio Nacional Brasileiro.

2005

No dia 28 de junho, o deputado federal Marco Maia (PT-RS) apresenta o Projeto de Lei nº 5.516/2005 que prevê a inscrição do nome de Sepé Tiaraju no Livro dos Heróis da Pátria. Em 3 de novembro, o Governo do Estado do RS sanciona a Lei nº 12.366, que declara Sepé Tiaraju como Herói Guaraní Missioneiro Rio-Grandense. (ver Anexo I).

2009

1735

Início das obras da Igreja de São Miguel pelo arquiteto Jean Batista Primoli.

1697

Fundação de São João Batista, a partir da divisão do povo de São Miguel Arcanjo.

1752

O português Gomes de Freire e o espanhol Marquês de Valdelirios são nomeados para demarcar o Tratado de Madri junto à fronteira sudoeste.

1761

No dia 7 de fevereiro, Sepé Tiaraju é morto. No dia 10 de fevereiro, ocorre a Batalha de Caiboaté, que marca a derrota dos guaranis e resulta na expulsão dos índios sobreviventes e dos jesuítas para a banda oriental do Rio Uruguai, atual território da Argentina. Fim da Guerra Guaranítica.

1756

1768

Jesuítas são expulsos da América.

Portugal e Espanha revogam o Tratado de Madri, permitindo o retorno dos guaranis e jesuítas à região dos Sete Povos.

1801

Ofensiva dos portugueses Manuel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto retomam o que havia restado das decadentes Reduções Guaranis, tornando a área disponível à concessão de sesmarias. Esta data marca o fim do Período Missioneiro.

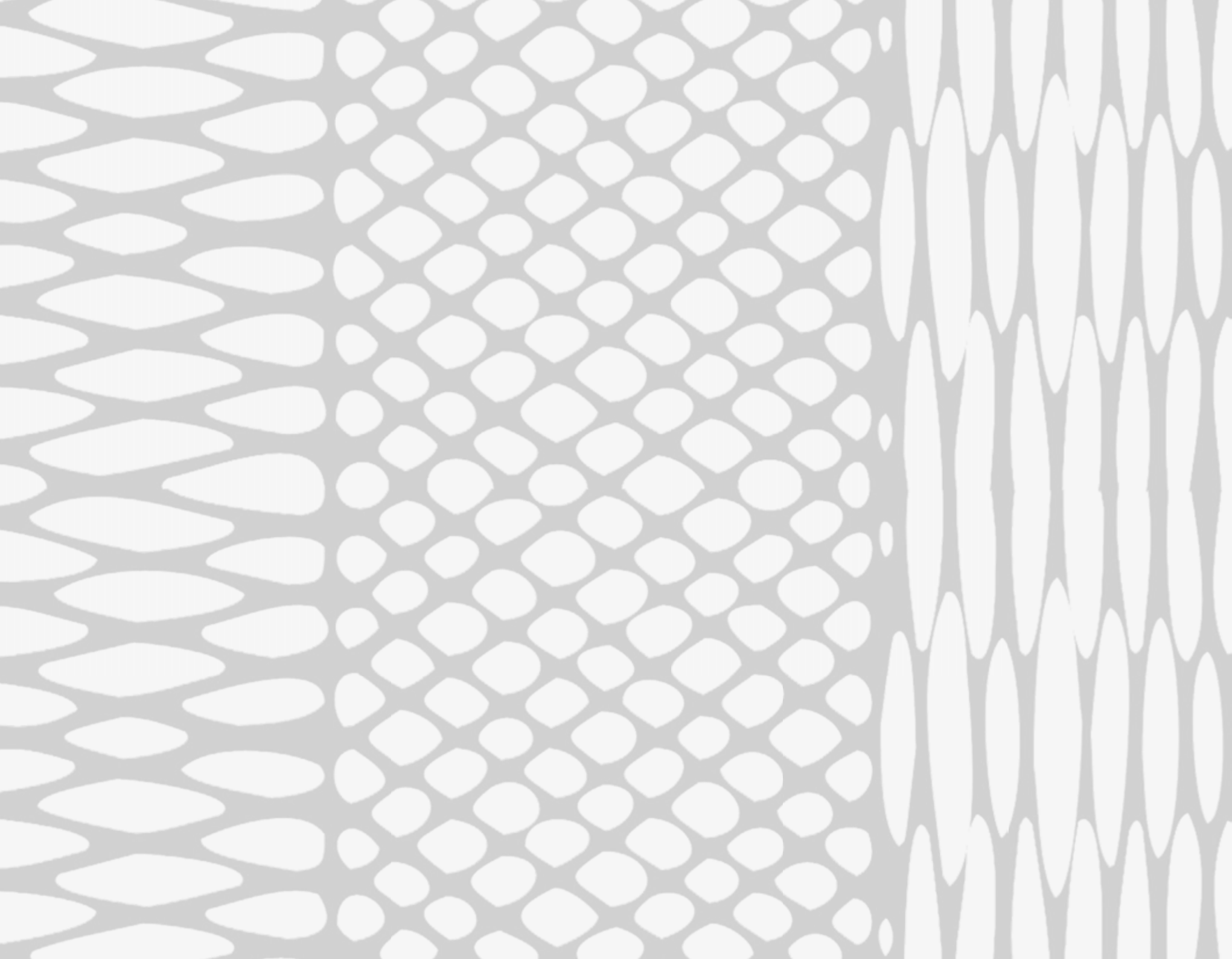
1983

Unesco reconhece São Miguel como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

Início da ocupação da região missioneira por famílias luso-brasileiras.

2009

Em 26 de março, o PL nº 5.516/2005, do Deputado Marco Maia é aprovado, por unanimidade, na Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania da Câmara dos Deputados e é remetido ao Senado (passa a chamar-se Projeto de Lei da Câmara nº. 63/2009). Em 11 de agosto, o PLC nº 63/2009 é aprovado na Comissão de Educação, Cultura e Esporte do Senado Federal, tendo como relator o senador Paulo Paim (PT-RS). Finalmente, no dia 21 de setembro, o Vice-Presidente da República, no exercício da Presidência, sanciona a Lei nº 12.032/2009, que inscreve o nome Sepé Tiaraju no Livro dos Heróis da Pátria (ver Anexo II).



MAPA DAS MISSÕES
(ÚLTIMA FASE, COM ESTÂNCIAS)





NOTAS SOBRE "O URAGUAI"
DE BASÍLIO DA GAMA

Figura 16 - Folha de rosto do livro "O Uruguay" (poema), 1769.

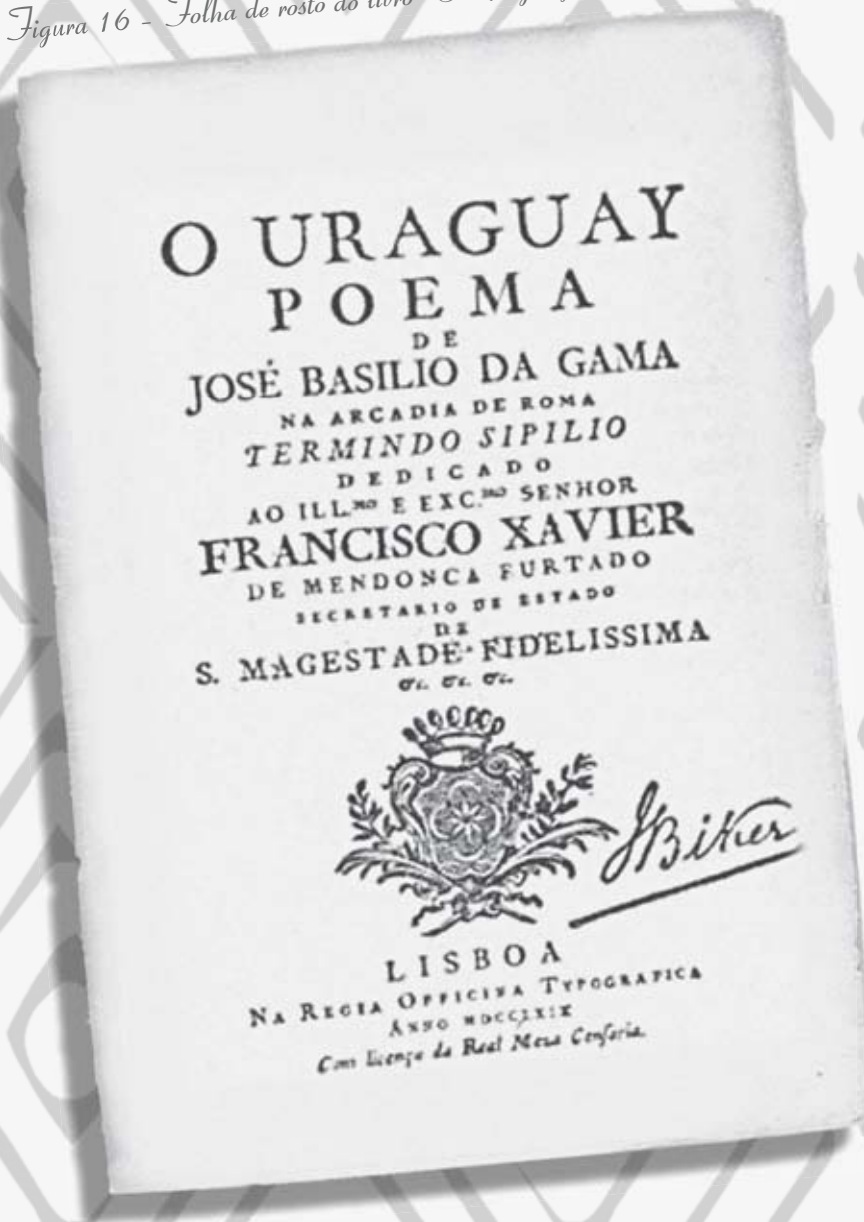


Figura 15 - Basílio da Gama.

Basílio da Gama (1741-1795), poeta luso-brasileiro da escola literária do Arcadismo (reunia escritores que combatiam o Barroco), publicou *O Uruguai* em 1769, trabalho alçado à condição de clássico da literatura brasileira.

Tendo como inspiração a expedição comandada por Gomes Freire, montada para desalojar os guaranis e os jesuítas da região dos Sete Povos como consequência do Tratado de Madrid (1750), os poemas de Basílio enaltecem os feitos dos líderes guerreiros coloniais, e servem como um agradecimento ao Marquês do Pombal, a quem era devedor desde os tempos em que vivera em Portugal.

Ao mesmo tempo em que fustiga os jesuítas, tratados como inimigos do projeto de nação brasileira, e se mostra simpático aos índios, Basílio revela “o conflito entre a ordem racional europeia e o primitivismo indígena”, comenta Marcelo Backes em prefácio de edição relançada pela editora Mercado Aberto, em 2002.

Leitura indispensável para quem busca “sentir” aquele momento histórico, *O Uruguai* é mais do que um poema épico, é uma peça testemunhal da época, da qual extraímos alguns trechos para instigar sua leitura e comprovar a riqueza que nos oferece:

*Fumam ainda nas desertas praias
Lagos de sangue tépidos e impuros
Em que ondeiam cadáveres despídos,
Pasto de corvos. Dura ainda nos vales
O rouco som da irada artilheria.
...*

*Sepé, que entra no meio, e diz:
- ... e todos sabem
Que estas terras, que pisas, o céu livres
Deu aos nossos avós; nós também livres
As recebemos dos antepassados.
Livres as hão de herdar os nossos filhos.
Desconhecemos, detestamos jugo
Que não seja o do céu, por mão dos padres.
As frechas partirão nossas contendas
Dentro de pouco tempo; e o vosso Mundo,
Se nele um resto houver de humanidade,
Julgará entre nós: se defendemos
Tu a injustiça, e nós o Deus e a Pátria”
...*

*Fez proezas Sepé naquele dia.
Conhecido de todos, no perigo
Mostrava descoberto o rosto e o peito
Forçando os seus co' exemplo e co' as palavras.
...*

“Rende-te, ou morre”

*Grita o governador; e o tape altivo
Sem responder, encurva o arco, e a seta
Despede, e nela lhe prepara a morte.
Enganou-se esta vez. A seta um pouco
Declina, e açouta o rosto a leve pluma.
Não quis deixar o vencimento incerto
Por mais tempo o espanhol, e arrebatado
Com a pistola lhe fez tiro aos peitos.
Era pequeno o espaço, e fez o tiro
No corpo desarmado estrago horrendo.
Viam-se dentro pelas rotas costas
Palpitar as entranhas. Quis três vezes
Levantar-se do chão: caiu três vezes,
E os olhos já nadando em fria morte
Lhe cobriu sombra escura e férreo sono.
Morto o grande Sepé, já não resistem
As tímidas esquadras.*

...

*Os outros mais valentes
Ou eram mortos, ou feridos. Pende
O ferro vencedor sobre os vencidos.*

...

Referências

BERNARDI, Mansueto. *O Primeiro Caudilho Rio-grandense: fisionomia do herói missioneiro Sepé Tiaraju*. Porto Alegre: Globo, 1957. 186 p.

BRASIL, Ptolomeu de Assis. *Batalha de Caiboaté: episódio culminante da guerra das missões*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2005. XII + 134 p. (Edições do Senado Federal; v. 63)

GAMA, Basílio da. *O Uruguai*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2002. 64 p. (Série Grandes Obras)

OLIVEIRA, José Roberto de. *Pedido de perdão ao triunfo da humanidade: a importância dos 160 anos das missões Jesuítico-Guarani*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2009. 234 p.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. 3. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984. 142 p. (Série Revisão)

MAIA, Marco. Projeto de lei n. 5.516/05 (inscreve o nome de Sepé Tiaraju no Livro dos Heróis da Pátria), discurso do Deputado Marco Maia e breve histórico do herói missioneiro rio-grandense. Brasília: Câmara dos Deputados, 2005. 29 p.

SUESS, Paulo. *O Anti-herói Sepé Tiaraju: comemoração e resistência*. Disponível em: <http://www.missilogia.org.br/cms/UserFiles/cms_artigos_pdf_25.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2010.



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
GABINETE DE CONSULTORIA LEGISLATIVA

Lei nº 12.366, de 03 de novembro de 2005

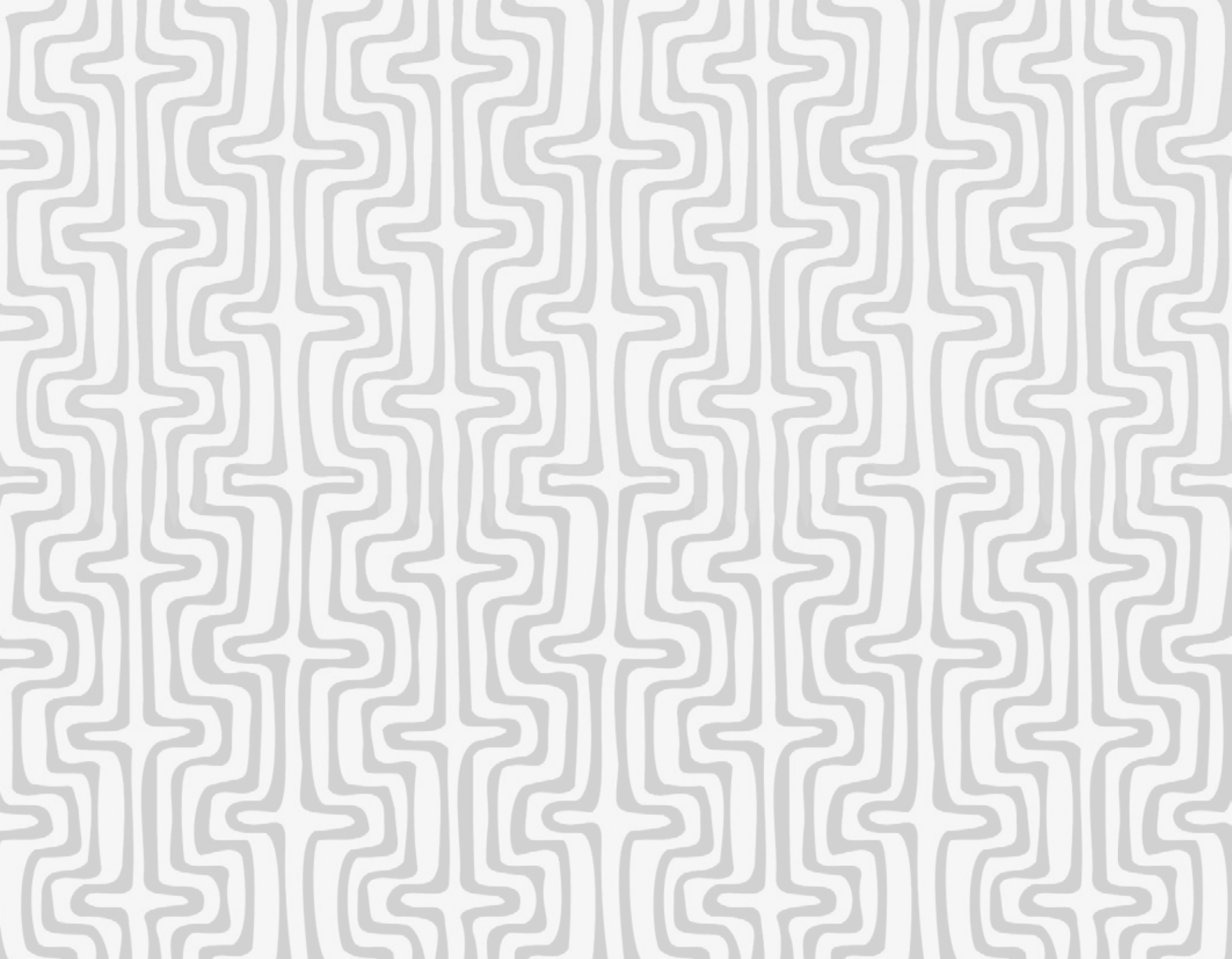
(publicada no DOE nº 209, de 04 de novembro de 2005)

Declara Sepé Tiaraju como Herói
Guarani Missioneiro Rio-grandense
e dá outras providências.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL,
Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, in-
ciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Le-
gislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

- Art. 1º** Fica declarado Sepé Tiaraju como Herói
Guarani Missioneiro Rio-grandense.
- Art. 2º** Fica instituído 7 de fevereiro, data da morte de
Sepé Tiaraju, como dia de comemoração a sua
memória.
- Art. 3º** A data comemorativa instituída por esta Lei
fica incluída no Calendário Oficial de Eventos
do Estado do Rio Grande do Sul.
- Art. 4º** Esta Lei entra em vigor na data de sua publi-
cação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 03 de novembro de 2005.



Anexo II

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA
CASA CIVIL
SUBCHEFIA PARA ASSUNTOS JURÍDICOS

Lei nº 12.032, de 21 de setembro de 2009

(de origem do Projeto de Lei nº 5.516/2005, do deputado Marco Maia)

Inscribe o nome de Sepé Tiaraju
no Livro dos Heróis da Pátria.

O VICE-PRESIDENTE DA REPÚBLICA, no exercício do cargo de PRESIDENTE DA REPÚBLICA,
Faço saber que o Congresso Nacional decreta, e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º Em comemoração aos 250 (duzentos e cinquenta) anos da morte de Sepé Tiaraju, será inscrito no Livro dos Heróis da Pátria, que se encontra no Panteão da Liberdade e da Democracia, o nome de José Tiaraju, o Sepé Tiaraju, herói guarani missioneiro rio-grandense.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 21 de setembro de 2009,
188º da Independência e 121º da República.
JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA



ISBN 978-85-736-5692-3



9 788573 656923